

Regional

PODER DAS BADALADAS

Sinos salvaram cidades de enchentes e incêndio

Além de anunciar as missas, eles também serviram, ao longo dos anos, para alertar sobre riscos em vários municípios do Estado

Alessandro de Paula
Julio Huber
Nilo Tardin

Mais do que um símbolo cristão, os sinos das igrejas católicas, ao longo dos anos, também evitaram tragédias, alertando os moradores para o risco de enchentes, incêndios e até sobre a invasão de militares.

Na cidade de Castelo, no Sul do Estado, as badaladas fora de hora vindas da Igreja Matriz, em dezembro de 2009, despertaram muitos moradores que estavam dormindo ou se preparavam para deitar e não imaginavam que enfrentariam a pior enchente dos últimos 30 anos.

Era por volta de meia-noite quando os sinos da igreja começaram a bater. As águas do rio Castelo começaram a alagar algumas ruas. Poucas horas depois, e com o rio 5,20 metros acima do nível normal, a enchente havia expulsado mais de 2,5 mil moradores de suas casas e causado prejuízos a mais de 14 mil pessoas.

“Não tenho dúvidas de que os sinos evitaram prejuízos e, até mesmo, uma tragédia, pois o rio subiu rapidamente”, destacou o frei Jonas Gusson, da Igreja de Castelo.

Padre Jonas explicou que na década de 80, em outra grande enchente, os sinos também serviram para alertar a população. Na opinião dele, as badaladas marcaram a vida da população.

“Se por algum motivo o sino bate fora da hora, como num teste ou manutenção, as pessoas começam a ligar para saber o que está acontecendo”, ressaltou.

Em Castelo, a população está acostumada com badaladas produzidas pelo relógio da igreja de meia em meia hora e com o som dos sinos três vezes antes dos horários das missas.

As badaladas da igreja também alertaram a população de Mimoso do Sul sobre grandes enchentes em pelo menos duas ocasiões: em 2007 e em dezembro do ano passado.

A historiadora Rosângela Guarçoni, 62 anos, atua como uma guardiã do rio Muqui do Sul, que corta a cidade. Como mora perto do afluente, ela percebe o alagamento e alerta a igreja.

Rosângela conta que, além de alertar os moradores afetados pela enchente, os sinos também ajudaram na mobilização para auxílio às vítimas. “Em pouco tempo, as pessoas saíram de suas casas e foram para as ruas socorrer quem precisava de ajuda”, lembrou.



FREI JONAS GUSSON, de Castelo: “Não tenho dúvidas de que os sinos evitaram prejuízos e até uma tragédia”

Peça de 135 anos anunciava mortes

Além de chamar o povo para as missas, o belo sino de São José do Calçado, doado por dom Pedro II à paróquia em 1879, também anunciava, no passado, quando alguma

pessoa da cidade morria.

O aposentado Geraldo Basílio de Souza, 77, seu Jadinho, foi sacristão aos 8 anos e, durante 10 anos, era responsável pelas badaladas.

SINO doado por dom Pedro II em 1879 ainda funciona na igreja de São José do Calçado, mas já não é usado para anunciar as mortes



ALESSANDRO DE PAULA

Ele lembra que nos funerais começava a tocar o sino quando o cortejo iniciava a subida da ladeira, parava de bater quando o caixão chegava à porta do templo, e depois reiniciava as badaladas quando o corpo seguia para o cemitério.

“Eu me lembro que as batidas tinham um som bem triste”, contou Maria Rosa de Araújo Souza, 66, mulher de seu Jadinho.

Atualmente a igreja possui dois sinos, que já não anunciam as mortes, mas tocam três vezes diariamente: às 6 horas, ao meio-dia e às 18 horas, além das três badaladas antes do início das missas.



ALESSANDRO DE PAULA

NO CHÃO da igreja, o sino rachado

Em São Pedro, badaladas na invasão dos militares

Num dia dedicado à reflexão, oração e homenagem aos mortos, moradores de São Pedro do Itabaipana – na época, um dos maiores municípios do Estado – saíram de suas casas sobressaltados com as badaladas do sino da Igreja Matriz.

O motivo das batidas foi a chegada de 13 caminhões e dezenas de militares fortemente armados enviados pelo governo de Getúlio Vargas para tomar o poder da sede do município e transferi-lo para o então distrito de Mimoso do Sul.

A ação ocorreu em 1930, em 2 de novembro, Dia de Finados, episódio conhecido como a Revolução de 30, que deu início à Era Vargas.

Usando lenços vermelhos amarrados ao pescoço, os invasores entraram na prefeitura, nos cartórios e na Câmara Municipal. Retiraram documentos e móveis e os levaram para Mimoso. Alertados pelos sinos, políticos fugiram com medo de serem presos pelos militares.

A torre em madeira onde ficava pendurado o sino não resistiu à força com que era balançado o artefato de bronze e desabou. Na queda, o sino doado pela Coroa Portuguesa, de mais de 150 anos, rachou e ficou inutilizado. Atualmente, ele está mantido no chão da torre da igreja.

CASOS



NILO TARDIN

Badalada a cada meia hora

A cada meia hora, os sinos da Catedral da Diocese de Colatina marcam a hora certa. É assim desde o início dos anos de 1960, quando os ponteiros do relógio gigante de quatro faces começou a funcionar no alto da torre da Igreja Matriz. Os 3 sinos vieram da Alemanha.

O mecanismo do relógio de corda é acertado pelo relojoeiro Zilton Lopes há mais de 30 anos. “O toque do sino mostra que é hora de entrar no serviço, almoçar, rezar a Ave Maria e de descansar”, destacou.



ALESSANDRO DE PAULA

Toque evitou tragédia em Alegre

Enquanto a maioria da população dormia, o fogo consumia um importante supermercado situado no centro da cidade de Alegre, na região do Caparaó.

O incêndio, ocorrido em 1954, poderia se espalhar, caso a população não tivesse sido acordada com os sinos da Igreja Matriz e corrido para ajudar a debelar o fogo. “Lembro-me que os sinos tocaram de madrugada. Seria uma tragédia, mas muita gente foi ajudar”, relembrou a historiadora Zélia Cassa, de 80 anos.



JULIO HUBER

Vindos da Alemanha

Com 148 anos de fabricação, os três sinos da Igreja Luterana da praça Dr. Arthur Gerhardt, em Campinho, sede de Domingos Martins, vieram de navio da Alemanha. Feitos de bronze, possuem tamanhos diferentes. O maior pesa cerca de 300 quilos.

Segundo o presidente da paróquia, Itamar Endlich, a igreja foi a primeira protestante com torre construída no Brasil.